

**Discurso proferido na sessão de 04 de novembro de 1977,  
publicado no DCN de 05 de novembro de 1977, página 3018.**

**O SR. LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR** (Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso, Srs. Congressistas, minhas Senhoras e meus Senhores:

Eu queria começar agradecendo ao Sr. Senador Osires Teixeira e ao Sr. Deputado Olivir Gabardo os discursos de boas-vindas. Os brasileiros têm, realmente, o segredo da acolhida calorosa e são conhecidas, facilmente, a delicadeza e a extrema gentileza que os caracterizam.

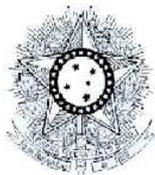
Srs. Membros do Congresso, os laços múltiplos que unem o Brasil e África, particularmente a África negra, e que acabam de ser postos em evidência, de modo tão pertinente, tão notável pelos dois oradores que me precederam, são o justo motivo de aproximação entre os nossos povos.

Penso que no mundo de interdependência que é presentemente o nosso, os países amigos, como o Brasil e o Senegal, devem procurar constantemente os meios para reforçar a sua amizade, desenvolvendo a sua cooperação. Não é característico que a mais curta distância que existe entre a África e a América seja a distância que vai de Dakar a Recife?

No mês passado, um hebdomadário francês convidou-me para participar de um colóquio, em 1979, que terá como tema “A Civilização Pós-Industrial”. Aceitei, porque pensei, imediatamente, no exemplo brasileiro: desde já, o Brasil ilustra a civilização pós-industrial. A civilização pós-industrial será inicialmente civilização industrial, isto é, o desenvolvimento de forças positivas pelo emprego das mais recentes descobertas científicas e técnicas, valorizando os recursos naturais. Ora, sob esse ponto de vista, o Brasil é uma das grandes nações do futuro. Senão vejamos: 8 milhões de km<sup>2</sup>, isto é, 16 vezes uma grande nação como a França, ou 3 a 4 vezes o maior Estado da África.

E o Brasil tem todas as riquezas: riquezas minerais do subsolo, riquezas agrícolas, mas, também, riquezas intelectuais. E não é por acaso que os brasileiros fazem questão de empregar as mais recentes descobertas técnicas e científicas, para desenvolver a marcha forçada da industrialização do Brasil.

No plano do desenvolvimento econômico, o Brasil é um exemplo, a melhor prova de que o futuro é agora: anunciado que, por volta de 1980, o Brasil teria uma renda de



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

### **Escrevendo a História - Série Estrangeira**

500 dólares por habitante, já alcançou 1.200 dólares.

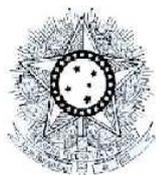
Mas, a civilização pós-industrial é aquela depois do desenvolvimento de forças positivas, depois da satisfação das necessidades animais, como dizia Karl Marx. Fala-se, desde 1973, de uma nova ordem econômica mundial. Eu também, no Parlamento Francês, durante 15 anos, denunciei o Pacto Colonial, mas desde 1973, quando se fala da nova ordem econômica mundial, eu falo da nova ordem cultural mundial. Por quê? Porque os países desenvolvidos pensam que uma renda de 3 mil, 4 mil dólares, que é a renda média, não é suficiente para um europeu ou um norte-americano, mas para um senegalês 300 dólares é suficiente. Não creio no desprezo racial, porque então não haveria mestiçagem. O desprezo é o desprezo cultural: “essa gente é selvagem, eles não têm grandes necessidades”. Ora, após a civilização industrial, civilização pós-industrial, haverá a suposição de que teremos satisfeito as necessidades animais, teremos diminuído o horário de trabalho e teremos horas de lazer. Lazer para fazer o quê? O mesmo Karl Marx nos diz: que, após a satisfação das necessidades animais, o homem se entrega a sua atividade genérica, a sua atividade humana, que é a de criar obras de arte, criar bens culturais.

É o que precisamente mais seduz na sociedade brasileira – o seu caráter multirracial.

Mas a mestiçagem biológica não é uma condição e não é suficiente para a nova ordem cultural mundial. É preciso que o homem crie bens culturais e, sob esse ponto de vista, o Brasil é um exemplo. Assimilando a lição dos europeus, particularmente do gênio francês, isto é do gênio atino, o Brasil, desde o início deste século, criou uma nova poesia admirável, e admiro-me que o júri do Prêmio Nobel não tenha ainda laureado um poeta brasileiro. O Brasil criou um novo romance, o Brasil criou uma nova Sociologia, o Brasil criou uma nova tapeçaria e o Brasil criou uma nova arquitetura.

Precisamente nós, senegaleses, a exemplo do Brasil, o que queremos fazer? Propus a meus compatriotas que sejam a Grécia Negra. Acontece, de resto, que estamos na fronteira de negros africanos e de árabes berberes. Por exemplo, no Senegal, somos cem mil senegaleses com nomes brasileiros. Trata-se, portanto, de criar uma nova civilização, sobretudo, que o diálogo cultural comece entre as diferentes civilizações.

Foi precisamente o que fez a grandeza do Mediterrâneo. Paul Rivet, meu professor de Antropologia e Etnologia, em Paris, dizia, por volta de 1930, - ele era um especialista



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

### **Escrevendo a História - Série Estrangeira**

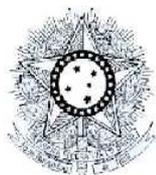
em Antropologia brasileira -, dizia-me Paul Rivet que o Mediterrâneo está ficando branco. Apesar de tudo há, hoje em dia, ainda, de 4 a 20% de sangue negro ao redor do Mediterrâneo. E nos dizia precisamente que os maiores vultos da Civilização histórica nasceram ao redor do Mediterrâneo e ao redor de toda a terra sobre a latitude do Mediterrâneo, desde a civilização egípcia e sumeriana, até a civilização árabe; e continuando, a oeste, há civilização indiana, que é a mestiçagem entre a ariana e negra brasileira. E há ainda a civilização da Ásia do Sudeste, que é a mestiçagem da área amarela e aqui, na América, há a civilização azteca e a civilização maia etc.

O Brasil, criador de civilizações, o Brasil mostra já o que será amanhã a civilização pós-industrial. Mas eu não esqueço que estou falando diante do Congresso, é já uma coisa grave, no Terceiro Mundo, na África ou na América Latina, ser recebido por um Congresso, isso supõe que há um regime democrático, que ao lado do Poder Executivo há o Poder Legislativo e há igualmente o Poder Judiciário, porque hoje pela manhã passei diante do Supremo Tribunal Federal.

Ora, não se trata de fazer uma democracia à européia, com liberdade sem freios, de criar partidos, porque isso poderá resultar como um certo Estado da África negra onde há duzentos partidos. É preciso pôr fim à anarquia. Lá, ainda, eu notei, similitudes entre o Brasil e o Senegal. Temos três partidos constitucionais: um partido que lá se chama “marxista-leninista”; um partido chamado socialista-democrático, o nosso; um partido quer se diz de liberalismo planejado, que é o Partido Democrático Senegalês, e um cidadão senegalês acaba de me escrever dizendo que ele quer fundar um Partido Conservador e quando fizermos a reforma da constituição iremos criar esse Partido Conservador.

Vejamos, então, toda a similitude que nos unem, os brasileiros e os senegaleses. Ainda uma vez trata-se de construir essa civilização pan-humana, sobre a qual falava o mestre Teilhard de Chardin. Para construir essa civilização pan-humana, é preciso que os países desenvolvidos, os paladinos da civilização européia, da civilização norte-americana, considerem que, ao lado da sua, existem civilizações diferentes, mas iguais – a civilização latino-americana, a civilização negro-africana, a civilização árabe-berbere, a indiana, a chinesa e a japonesa. É preciso que essas civilizações dialoguem. De resto, a UNESCO, cujo Secretário-Geral é um senegalês, mestiço, desenvolve um projeto de diálogo de cultura, do qual se ocupa de uma maneira muito particular meu amigo, o filósofo Roger Garaudi.

Eis, Srs. Membros do Congresso Nacional, o que eu queria dizer-lhes. Penso que,



## **Câmara dos Deputados**

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

### **Escrevendo a História - Série Estrangeira**

apesar das dificuldades do diálogo norte-sul, apesar da deterioração dos termos de trocas, apesar dos focos que se acendem na África e na América Latina, julgo que não nos devemos desesperar, porque há povos como nós, porque há nações como o Brasil e o Senegal que, desde já, preparam uma civilização pós-industrial, que será a expressão da mestiçagem biológica e, sobretudo, da mestiçagem cultural.

Mais uma vez, obrigado por esta acolhida, obrigado porque mais uma vez recebi, hoje, uma lição de civilização brasileira, uma lição de civilização de futuro. (Muito bem! Palmas! Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado).